A Escola Normal Rural de Juazeiro (1)

Plácido Castelo
(sócio efetivo)

Reminiscências felizes me povoam, neste instante, o coração e o cérebro, deslumbrando um passado de incertezas, embora saturado de forte idealismo.

Ao espírito me voltam, serenamente, as imagens de um sonho cuja origem se embebe no pensamento salutar dos precursores do ruralismo em nossa terra.

Bem pouco importa que a realização desse sonho de outrora tenha sido nimbada, até certo ponto, pelo bafejo simpático, mas duvidoso, dos homens que, para não matá-la, se mostram delicados e sentimentais para com as iniciativas que pretendam impor-se. É, com toda segurança, uma tática — a do político tataranha —, que nem por isso considero prejudicial.

O Estado e a cooperação privada

A criação desta escola, que hoje habilita quase duas dezenas de jovens para o magistério rural, foi uma prova magnífica de que os particulares podem cooperar com o poder público, em benefício da coletividade. Basta que a iniciativa, cívica e claramente, sem sinuosidades, perfeita, como convem ao Estado, para o seu melhor crédito, não admita dúvidas aos que desejam concretizá-la. É preciso que acabemos com o hábito de demorar em eterna espectativa, numa invariavel dependência da vontade governamental, para a consecução de propósitos uteis, de que carecemos, sem oferecer ao Estado oportunidades para o cumprimento de deveres elementares. Foi dificil coordenar forças, desviar campanhas prejudiciais ao êxito da encampação desta escola por sociedade particular. Não lamento a luta. Ao contrário, hoje, por ventura, deveria julgá-la apreciavel, visto ensejar a concretização honesta de tentame de ordem pública, mediante a cooperação privada. É exato que a ausência de opi-

(1) Discurso de paraninfo à turma de professores de 1938 da Escola Normal Rural de Juazeiro.

nião pública, formada convenientemente, para o bem comum, adestrada para saber dizer e para conseguir o beneplácito governamental visando a prática de atos relevantes da administração, é refletida pela inércia de populações disseminadas por vários recantos da pátria, que sabem censurar, às vezes aplaudir, mas não externar, seriamente, as suas necessidades, os seus propósitos de progresso.

Confesso que muito de amor deve ser posto à prova quando pretendemos vencer, sem que se perca de todo a noção do bom senso. Mesmo para que permaneça no dirigente, sintetizado na simpatia prometida e revestindo, não raro, o carater de uma prova eliminatória dos arautos dos ideais que interessam à coletividade, o espírito altamente confortador dessa sintonização patriótica.

A par desse liame, que deve ser solidificado pelo apoio geral, devem ser colocados elementos que assegurem estabilidade e confiança, refletidas pela situação moral e econômica e social do povo e da região.

Função da Escola Normal Rural

Uma escola normal rural no Ceará. O que significava esse empreendimento? Di-lo o Regulamento: "Contribuir, pelo preparo conveniente do professor, para que a escola primária rural se torne um centro de iniciativa econômica e profissional, com acentuada influência civilizadora, sobre toda a comunidade do lugar onde estiver; dar, pelo professor que preparar, consciência agrícola e sanitária às populações rurais, alem de exata compreensão do valor da previdência e da economia, como condição de felicidade, individual e coletiva; despertar, por meio do professor, nos futuros plantadores e criadores, e, ainda, nos atuais, a consciência do valor de sua classe, que, organizada e liberta de toda influência dominadora estranha, deve colaborar, ao lado das demais classes, no engrandecimento e governo do País; criar, no seio da gente campesina, uma nova mentalidade, respeito ao indivíduo e à sociedade; ao solo e à propriedade; ao trabalho e à cooperação, de tal modo que se extirpe o individualismo, sem opressão à personalidade, se crie um sentido social, sem prejuizo do direito natural de possuir, e se estimule o espírito associativo, sem monopólios de grupos, mas sobre a idéia de harmonia de classe." Temos, aí, um magistral programa, que encontra apoio na frase de Humboldt: "O que se trata de introduzir na vida deverá adaptar-se, primeiramente, na escola." Deve, por tanto, a escola refletir os anseios de ordem moral, econômica e social que o momento exige, proporcionando a soma de conhecimen-

tos necessários ao homem para a luta pela vida, baseados numa cultura geral, sem esquecer a formação do carater. Temos a ilusão "de que a instrução pública significa por si só a moralização do povo, isto é, a formação moral é uma consequência imediata da educação intelectual. De igual modo que a escola de Manchester, em matéria econômica, estendeu o conceito que é suficiente despertar as forças naturais para que tenhamos a harmonia econômica, supomos, no setor educativo, sob vários aspectos, que o desenvolvimento das faculdades intelectuais no indivíduo basta, por si só, para a harmonia com a ordem moral". Para a existência dessa harmonia é imprescindivel que a escola de alfabetização atenda ao cultivo íntimo do homem, a fim de que "a aplicação de todos os hábitos intelectuais não destrua o que se denomina verdadeira instrução".

E o programa a que deve obedecer este estabelecimento tem um cunho altamente patriótico, feliz e oportuno, mostrando-se, embora, complexo, na execução, pelo seu elevado sentido social e econômico.

Disciplinar, para a harmonia integral, todos os **itens** expostos não é impossivel, mas requer uma capacidade patriótica que vai convertê-las, minhas jovens e devotadas professorandas, em sacerdotisas do ideal pátrio, já que ele reside, em suas linhas mestras, profundas, no desenvolvimento do nosso solo. É rude a vida campesina, referta de incertezas, que só a ação social controladora das iniciativas que o "estado novo" preconiza, esquematizando a "racionalização administrativa ao lado da racionalização econômica", poderá transformar.

Entende-se como "**racionalização** de um conjunto econômico a aplicação sistemática de todos os progressos da ciência a cada elemento do conjunto, de modo a provocar um acréscimo de bem-estar coletivo, traduzido pela elevação do valor do homem e pelo abaixamento do preço das utilidades".

É necessário, por tanto, um alicerce sólido. Não basta, por certo, a escola rural, mero ramo de formação do campesino, que pode ter, mais tarde, completada a sua formação por uma união harmônica com o preparo técnico.

Careceríamos de outros elementos, da cultura econômica especializada, que as escolas desse tipo apenas dosam os vossos conhecimentos, sob pena de nada conseguirmos, e, aceitando o conceito de um estudioso e um competente de nossos problemas econômicos, o Sr. Nogueira de Paula, ficaremos a ouvir, "cotidianamente, as sandices de um artificial barateamento da vida, constantemente repetido como índice seguro de crassa ignorância".

A agricultura e o urbanismo

Modificar o ambiente rural, quando, ao lado do desconforto, se eleva o preconceito, quer doméstico — visto no próprio lar a sertaneja sentir-se em desigualdade de educação, gerando o pensar exclusivo de fazer os pais mudar de profissão, a fim de abandonar o lugar ingrato —, quer financeiro, seguindo, como seguem, sua própria inspiração, que se torna hereditária, impotente para modificar o meio físico e econômico, cuidar do solo em geral é tarefa bastante afanosa. Alem do mais, no que nos diz respeito, está a "agricultura fundamentalmente subordinada aos elementos urbanos: é o especulador que impõe o preço; o banqueiro que facilita o crédito; é o transporte; o fornecimento de máquinas e ferramentas; os transformadores de produtos e uma série de outros fatores que necessitam ser removidos, criando-se a mentalidade associativa, a consciência do valor da classe, para que a agricultura seja, na verdade, na própria economia nacional, a mais fiel e compensadora atividade".

"Os ricos vão à cidade em busca de prazeres, de fortuna, de funções de destaque, de respeito social, de estabelecimentos educacionais, da própria segurança de vida. Ninguem quer **enterrar-se no campo.**" "O pobre segue o mesmo pensar, movido por outros sentimentos: ganhar com menos trabalho, fugir de uma vida rude, sem atrativos."

A missão do professor rural

Confio na missão dada às professoras rurais que acabam de concluir o curso deste conceituado educandário. Tenham elas sempre presentes ao coração e ao cérebro os conceitos de que a política rural não poderá ser feita sem a formação, no agricultor, de um alto conceito de sua missão patriótica na economia nacional; do sentimento de classe, que estimula e alimenta a consciência da função, racionalizando, em toda sua amplitude e intensidade, as atividades agrícolas.

A educação, a associação, o bem-estar campesino, a ingerência do agricultor na solução dos problemas nacionais, a dignificação da função agrícola contribuirão para a formação do primeiro conceito; o tecnicismo, o crédito, a cooperação o fortificarão no progresso e darão o benefício econômico que trará a ótima e abundante produção necessária ao País para o seu progresso.

É necessário não burlar, dignas professorandas, esses concei-

tos, para que permaneça altaneiro e ciclópico o empreendimento, a organização do ensino primário rural no País. Seria sarcástico mercantilizar esse diploma, que no momento vos confere o título de professoras. Esse título, que muito vos nobilita, não despertando vaidades, mas fazendo valer todos os sentimentos pulquérrimos que, certo, residem em vossos espíritos, possa, assim, dar-vos direito ao diploma de beneméritas da redenção econômica e moral de nosso Brasil.

De coração, estimo, como patriota, essa felicidade às distintas amigas, e ainda por ter tido esta oportunidade, tão desvanecedora a quem confia lealmente na vossa missão, para o bem do Ceará e do Brasil.